

UMA RELEITURA DA NOÇÃO DE SEMENTES DO VERBO DE SÃO JUSTINO: AS SEMENTES DA TRINDADE

A REINTERPRETATION OF SAINT JUSTIN'S NOTION OF THE SEEDS OF THE WORD: TRINITARIAN SEEDS

*João Maurício Vieira Filho**

Resumo: O trabalho é resultado de uma pesquisa bibliográfico-analítica por meio da qual se realizou uma releitura da noção de Sementes do Verbo de São Justino, com o objetivo de discutir a possibilidade de compreender tal noção como aspecto formal, além do aspecto material já apresentado pelo autor; e de aplicar tal aspecto à obra do próprio Justino. O esforço de pensar a possibilidade de analisar objetos teológicos com a postura metodológica inaugurada por Justino justifica-se pela importância de atualização do tema, pela valorização da teologia fontal – orientada pelo Concílio vaticano II – e pela originalidade da discussão. A releitura realizada possibilitou a compreensão de que é possível cunhar a expressão “Sementes da Trindade” para fazer referências às discussões de Justino, as quais podem ser basilares e seminais para ulteriores proposições sobre a Santíssima Trindade; o aspecto formal de nossa releitura possibilita ainda um amadurecimento no modo de construir Ciência Teológica com vistas para a reflexão dos desafios complexos da contemporaneidade.

Palavras-chave: São Justino. Sementes do Verbo. Sementes da Trindade.

Abstract: This paper results from a bibliographic-analytical study aimed at offering a reinterpretation of Saint Justin's notion of the Seeds of the Word, with the objective of exploring the possibility of understanding this concept not only in its material dimension, as previously presented by the author, but also in a formal sense—and applying this formal aspect to Justin's own work. The effort to analyze theological objects through the methodological posture inaugurated by Justin is justified by the need to update the theme, by the value of fons-based theology as promoted by the Second Vatican Council, and by the originality of the proposed discussion. This reinterpretation allowed for the understanding that the expression Seeds of the Trinity may be coined to refer to Justin's reflections, which can be considered foundational and seminal for future theological formulations on the Holy Trinity. Moreover, the formal aspect of our reinterpretation fosters a more mature approach to theological science, particularly in light of the complex challenges of contemporary thought.

Keywords: Saint Justin. Seeds of the Word. Seeds of the Trinity.

Introdução

A leitura da obra de Justino não deixa de proporcionar reflexões sobre quem é Deus para o autor e sobre como ele apresenta esse Deus para os destinatários das obras e

* Licenciado em Ciências Sociais pela Ufal, Bacharel em Filosofia pela Unicap e Bacharelado em Teologia pela Unicap. joao.00000845554@unicap.br

outros leitores. Percebendo essa preocupação do autor, considerando o valor que ele dá a noção de Sementes do Verbo para falar da grandeza da Revelação do Verbo Divino e sabendo que atualmente a compreensão sobre o Deus cristão sobre o qual Justino falava já amadureceu; perguntamo-nos: qual a possibilidade de aplicação da noção de Sementes do Verbo de Justino como ferramenta de leitura para trechos de suas Apologias, que podem permitir a compreensão de que o Deus Cristão é uno e trino?

Começamos o empreendimento de análise da obra de Justino com uma hipótese. Se tomarmos como possível a aplicação da noção de sementes do verbo à interpretação da Revelação (não apenas à revelação mesmo) e considerarmos que em Justino não há uma Teologia da Trindade, mas elementos que permitem uma ulterior formação de uma Teologia da Trindade, podemos dizer que seus escritos sobre Deus são seminais para o que hoje compreendemos como doutrina da Santíssima Trindade. Deste modo, pareceu-nos mister associar a doutrina das Sementes do Verbo às compreensões de Deus nas Apologias I e II de Justino.

Assim, propomo-nos a discussão sobre o que o que são Sementes do Verbo em Justino; a identificação dos trechos das apologias que permitem uma reflexão a respeito da Trindade; e a elaboração de uma hermenêutica do texto de Justino a partir da sua maneira de ler a Revelação. Os três procedimentos acima indicados são resultado dos três objetivos específicos da pesquisa que configuram também as duas partes finais que compõem este resultado escrito. A primeira parte do trabalho é a apresentação de uma sequência de premissas que possibilitam epistemologicamente o empreendimento analítico das duas partes finais.

Estes esforços se justificam quando nos deparamos com a orientação conciliar de valorizar os textos bíblicos e patrísticos na elaboração das teologias contemporâneas e com a importância de atualizar a leitura de tais documentos com novas linguagens, o que nos permite a ousadia de trazer frescor à reflexão teológica. Sesboüé e Theobald (2006) sublinham que o Concílio Vaticano II despertou uma renovada atenção tanto à exegese crítica moderna quanto à hermenêutica dos Padres da Igreja.

Assumimos como referencial teórico as obras de Justino, suas Apologias e o Diálogo com Trifão, mas usamos como texto de trabalho para análise apenas as apologias. Nosso recorte tem uma razão: enquanto o diálogo com Trifão é mais direcionado ao mundo de tradição semita, as apologias fazem uma apresentação mais ampla da fé cristã incipiente. Vale destacar a importância das apologias, especialmente da primeira, para

posteriores discussões sobre a Santíssima Trindade; a modo de exemplo citamos as noções de processão e geração.

Assumimos como referencial epistemológico a obra de Lonergan (2010), visto que propomos que o leitor realize uma apropriação racional da postura metodológica assumida por Justino na análise das Sementes do Verbo em vista de elaborar uma leitura de sua obra que seja capaz de identificar proposições triádicas que foram seminais à Teologia Trinitária.

Tomamos Lonergan como referencial também porque assumimos com ele que o conhecimento parte de um *insight*, mas se desenvolve mediante uma sequência de apropriações que são umas basilares as às outras. Para o autor, o conhecimento passa por uma sucessão de contextos.

Lonergan (2010) utiliza procedimentos da matemática para ilustrar a sucessão de contextos. Ao conhecer em matemática, está-se num contexto inferior; ao examinar epistemologicamente esse conhecimento, alcança-se um contexto superior. Compreender e afirmar a atividade noética do cálculo matemático constitui um nível lógico independente do saber operacional. Assim, embora os contextos superiores se construam a partir dos inferiores, tornam-se logicamente autônomos em relação a eles.

A valorização dos aspectos material e formal na investigação teológica permite uma leitura mais ampla e fecunda dos desafios no mundo contemporâneo. A emergência de novos contextos sociais, impulsionados por avanços tecnológicos, transformações ambientais, o pluralismo religioso e a reconfiguração das estruturas de autoridade e poder – especialmente no contexto da secularização – exige da ciência teológica diálogo com outras formas de saber. Essa abertura à interdisciplinaridade pode contribuir com respostas aos desafios da atualidade, ao integrar diferentes olhares e propor soluções enraizadas tanto na tradição quanto na experiência concreta da humanidade. Uma das maneiras de pensar tal contribuição da Teologia aos demais saberes é a possibilidade usar a indução realizada nas analogias em vista das proposições das Sementes do Verbo e das Sementes da Trindade em outros campos do conhecimento.

Neste sentido, a nossa pesquisa está inserida na perspectiva da complexidade proposta por Edgar Morin (2000), a qual favorece a superação das compartimentações rígidas entre os saberes. Ao assumir uma hermenêutica que reconhece os elementos formais e materiais da teologia, propomos uma abordagem que valoriza simultaneamente o conteúdo e o método, sem desconsiderar a especificidade do discurso teológico em relação a outros campos, como a filosofia, as ciências ou o saber popular. Tal

reconhecimento abre caminho para uma teologia mais credível, atual e relevante, que, ao articular-se com outros saberes, contribui para a construção de um conhecimento mais complexo, plural e comprometido com a dignidade humana e o bem comum.

A síntese entre fé e razão em São Justino, ao reconhecer no *logos* divino a origem de toda verdade, permanece chave hermenêutica essencial para o diálogo da teologia com outros saberes. Justino vê fé e razão como complementares, permitindo à teologia dialogar sem perder sua identidade. Essa visão ressoa com Edgar Morin, ao propor a superação de saberes fragmentados em favor de uma racionalidade integradora. Assim, a teologia, ao enfrentar os desafios da complexidade, afirma-se como saber legítimo, capaz de iluminar o humano, o mundo e o transcendente com profundidade simbólica, antropológica e ética.

Entendemos que a partir do contexto de compreensão da noção de Sementes do Verbo podemos propor novos contextos de compreensão e, deste modo, progredir em conhecimento. Usamos esta noção do autor para propor uma sequência de premissas que são como contextos sucessivos que possibilitarão o argumento em vista de cunhar o que queremos chamar de Sementes da Trindade. Nos termos de Lonergan, a compreensão sobre as Sementes do Verbo estão em um contexto inferior capaz de possibilitar um contexto superior de compreensão, que chamamos de Sementes da Trindade.

1 NOÇÕES PRELIMINARES À PROPOSIÇÃO DA EXPRESSÃO “SEMENTES DA TRINDADE”

O esforço que resultou neste texto objetivou fazer uma associação entre aspectos formais e materiais presentes nas Apologias. Tomemos como exemplo de aspecto material o conteúdo que ele apresenta na obra, suas discussões em vista da defesa da fé católica incipiente; por exemplo, que Jesus é filho de Deus (Justino, 1995, p. 27). Assumamos como aspecto formal o filtro hermenêutico que ele inaugura para a interpretação de manifestações análogas à profissão da fé cristã por parte de quem não teve contato com a Revelação do Verbo Encarnado, manifestações às quais ele chama de Sementes do Verbo (Justino, 1995, p. 62).

Esta primeira parte do nosso trabalho monta um plexo de reflexões que funcionam como premissas para o apontamento de uma possível conclusão: o modo com o qual Justino olha para a Revelação pode ser lançado sobre suas reflexões acerca da Revelação. Por esta razão, nossa proposta é indicar cada uma das referidas premissas antes de entrar

diretamente nos dois tópicos altos do texto, a explicação do que são as Sementes do Verbo e sua utilização na Teologia sobre Deus Uno e Trino.

Importa captar materialmente o que são Sementes do Verbo, com exemplos e discussões, para, a partir dos exemplos e discussões, captar também como a leitura da realidade pode ser feita em vista de identificar o que é uma Semente do Verbo. Em outras palavras, como se lê uma realidade identificando uma verdade inteira ou sinais de tal verdade.

Tomemos como premissa inicial, a clareza de que há movimento dialógico entre a Revelação e sua ulterior compreensão. Entendendo que a Revelação é dinâmica e que sua compreensão é amadurecida nos variados contextos históricos, não encerrada como que em uma lista de dogmas acabados, em que as “verdades são pensadas como traduções objetivas de uma realidade” (Libânio, 1992, p.393), conforme pretenderam posturas fixistas. Podemos entender que o que se sabe a respeito da Santíssima Trindade não se encerrou na Teologia Fontal no Novo Testamento. Pelo contrário, o Novo Testamento é exemplar de que o conteúdo da Revelação está em diálogo com a reflexão sobre este conteúdo, por isso fala-se em Teologia nos escritos neotestamentários, por isso também se pode falar no desenvolvimento da Teologia da Trindade.

Assumamos como premissa que o que se sabe sobre a Santíssima Trindade é acessível a nós pela Revelação, especialmente pela encarnação do verbo. Para Ladaria (2005), o evento Cristo sem dúvida é a fonte matriz e sempre nova das compreensões sobre a Trindade, assim, quando surgem e insurgem reflexões teológicas sobre a Trindade, há uma implicação necessária em Cristo e quando as reflexões aparecem sobre o Cristo também implicam necessariamente no pensamento sobre a Trindade.

Das duas premissas indicadas acima, surge uma terceira que não é nossa conclusão, mas serve como mais uma premissa de nosso plexo. Se pensamos que Cristo, o Verbo, é a fonte das compreensões reveladas sobre o mistério da Trindade e que há um constante diálogo entre a Revelação e suas interpretações na Teologia, podemos dizer que quando alguém fala algo a partir do qual se pode refletir a respeito da Trindade, tal pessoa está comunicando uma verdade sobre o Verbo – e sobre a Trindade – que não lhe foi ainda revelada por inteiro, mas que se pode verificar quando defrontada com o dado revelado processualmente em um diálogo entre Revelação e interpretação.

Assumamos também que algo pode ser pensado como semente do Verbo Encarnado antes e depois da encarnação (cientes de que em Justino, as Sementes do Verbo estão fora do contexto cristão, são anteriores ao ponto máximo da Revelação, que é o

evento Cristo), pois a noção de semente indica parcialidade de um dado, um sinal de que há um Verbo inteiro, mas não indica necessariamente uma cronologia, as Sementes do Verbo não são somente sinais anteriores ao século I, mas noções parciais que indicam o Verbo inteiro. Noções que podem surgir antes, durante e depois do processo revelacional que começa no Antigo Testamento e tem plenitude no Novo Testamento com o Verbo inteiro.

Há duas razões para esta defesa, primeiro que a noção de semente é uma analogia, não uma comparação necessária – como é o caso de uma semente que gerará uma planta, literalmente; segundo que tal analogia não considera apenas o dado objetivo da Revelação, mas a subjetividade dos que são passíveis de receber a Revelação. O mesmo sinal bom realizado por um cristão e por um não cristão poderá ser aplicação da Revelação do Verbo para o primeiro e Semente do Verbo para o segundo. Um exemplo disso é o princípio do perdão; quem perdoa pode estar aplicando um ensinamento evangélico ou comunicando um bem universal que, para quem não teve acesso ao perdão ensinado por Cristo, é uma Semente do Verbo.

Agora, tenhamos como uma premissa basilar de nossa argumentação que a ideia de Semente do Verbo não diz respeito apenas ao conteúdo material da exposição de Justino, mas a um modo de ler a realidade e a Revelação, como um método de aproximação dos objetos teológicos. A postura de interpretar algo como Semente do Verbo é um aspecto formal. Quando se interpreta uma realidade e nela se capta sinais de verdade, ou seja, dados análogos e complementares aos dados da Revelação, do Cristo, do Verbo; e quando tal interpretação sugere que a verdade captada é parcela do que Cristo é e ensinou, se pode dizer que a referida interpretação é uma postura metodológica de identificação de uma Semente do Verbo.

Tomemos novamente o exemplo do perdão. Quando um não cristão ensina sobre perdão ele está propagando uma Semente do Verbo, ou seja, ele propõe um conteúdo, uma matéria que se pode chamar de Semente do Verbo; quando um intérprete diz que tal ensinamento é uma Semente do Verbo, o procedimento interpretativo-metodológico é a forma assumida para o exercício de análise. Assim, podemos assumir, ainda, que a postura inaugurada por Justino pode ser aplicada por outros teólogos. Ela pode ser tomada como forma de uma pesquisa, como método de análise. Podemos investigar, analisar e concluir que algo é uma Semente do Verbo Encarnado, seja algo anterior ou posterior a Cristo.

Tendo lido as premissas indicadas, podemos afirmar que há Semente do Verbo nas reflexões teológicas realizadas sobre a Trindade que foram realizadas depois do evento

Cristo. Optamos por chamá-las de Sementes da Trindade, já que a Cristologia e a Teologia da Trindade estão imbricadas, que a expressão Semente do Verbo já recebeu um recorte analítico bem delimitado e que as sementes discutidas aqui são sementes do Cristo, na medida em que são sinais da Trindade, conforme indicado acima na terceira premissa de nosso elenco de premissas.

A Sagrada Escritura é a fonte da Revelação da Trindade e a Patrística contém um arcabouço de exposições que amadureceram tal Revelação, especialmente no caso dos padres que tiveram postura apologética contra as heresias trinitárias e dos padres que subsidiaram as postulações dos primeiros concílios. Algumas elucubrações teológicas sobre a Trindade são explícitas e até sistematizadas, outras são discretas e imiscuídas em textos que discutem outros temas em seus cernes.

São Justino não escreveu um tratado sobre a Trindade, no entanto, suas obras, dispõem de reflexões que incluem a Trindade, as quais estamos chamando aqui de Sementes da Trindade. Assumimos como recorte analítico, os textos das Apologias I e II e o nosso texto de trabalho foi a tradução da coleção patrística da editora Paulus.

Na esteira da doutrina das Sementes do Verbo podemos dizer que nas vezes em que se falou no Antigo Testamento, nos escritos filosóficos ou em outros ambientes sobre algo que contém uma prática ou verdade comunicada posteriormente por Cristo, tal verdade ou prática contém uma Semente do Verbo posteriormente Revelado. Analogamente, o que está nas Apologias I e II (2003) que apontam para a ulterior reflexão e postulação dogmática sobre a Trindade, diz-se que contém uma Semente da Trindade.

Nesta linha de raciocínio e sabendo que a doutrina sobre a Trindade ficou sistematizada e comunicada apenas nos primeiros concílios, após as muitas investidas heréticas, pode-se dizer que as comunicações, mesmo neotestamentárias e dos Padres da Igreja, que falavam sobre Trindade de maneira assertiva foram como que sementes da Trindade, ou – na compreensão de que a Trindade só se pensa pelo evento Cristo – foram Sementes do Verbo.

São Justino entende que os Cristãos já têm o “Verbo inteiro” (Justino, 2003, p. 63), não apenas sementes, assim se poderia contrariar a argumentação acima dizendo que no Novo Testamento e entre os padres já há o Cristo total e, portanto, não apenas sementes. Todavia, retomamos o argumento indicado mais acima de que, mesmo havendo uma Revelação nas Sagradas Escrituras, sua interpretação é dinâmica e contextual, por isso fala-se em noções como a de natureza e a de pessoa, para tratar da Trindade, apenas muito depois da Teologia fontal. Assim, há sentido em dizer que, mesmo hoje, pode haver

sementes do Verbo que serão melhor entendidas conforme acontecer o amadurecimento da interpretação da fé nos contextos contemporâneos.

Queremos com essa argumentação dizer que a compreensão sobre Sementes do Verbo, entendida formalmente como um filtro de interpretação da Revelação, pode ser lançada sobre a própria obra do apologista, sob o nome de Sementes da Trindade. Propomos uma forma, um método de interpretação para verificar a presença de formulações trinitárias, análoga à forma de Justino ler as realidades. Justino lê os pagãos e encontra Sementes do Verbo, nós lemos Justino e encontramos Sementes da Trindade.

2 AS SEMENTES DO VERBO

Faremos nesta parte do texto, uma breve exposição da teoria das Sementes do Verbo, a fim de propor um contexto de compreensão que permita elencar trechos das Apologias que possam ser consideradas Sementes da Trindade.

O pensamento de São Justino está contextualizado no século II, quando urgia, para os cristãos dos primeiros séculos, a necessidade de defender a fé nascente, ainda pouco sistematizada, conforme indica Liébaert (2013). “O discurso apologético de Justino dirigido aos imperados romanos visa clamar para que os cristãos não sejam condenados simplesmente por serem cristãos” (Arzani, 2019, p. 210).

Para o contexto patrístico, as obras de Justino e sua postura em relação ao pensamento oriundo do paganismo são inovadoras. Ele propõe que Filosofia e Fé não são contraditórias, mas complementares. Segundo Liébaert, Justino entendia que “o objetivo da Filosofia é precisamente essa busca de Deus e da união com ele (Liébaert, 2013, p. 37), o que não é senão o que Cristo ensinou.

A compreensão do apologista de que Filosofia e Fé são complementares é basilar para uma de suas principais teorias, a teoria das Sementes do Verbo, visto que, para o autor, todo o pensamento filosófico que revela ou aproxima-se da verdade – que é Cristo – é como uma Semente do Verbo, o próprio Cristo revelado. Nos dizeres do próprio Justino: “De fato, a filosofia é o maior e o mais precioso bem diante de Deus, para o qual somente ela nos conduz e nos associa” (Justino, 2003, p 42).

Refletir sobre a teoria das Sementes do Verbo em paralelo à busca pela verdade empreendida por Justino é essencial. Após explorar correntes como o platonismo, o aristotelismo e o estoicismo, Justino encontrou apenas vestígios da verdade, que reconheceu plenamente no cristianismo. Dessa trajetória pessoal e intelectual nasce a

teoria das Sementes do Verbo. Dionísio (2022) a explica com a metáfora do *logos* como semente que gera uma árvore: embora invisível quando a árvore cresce, a semente permanece como princípio.

Para uma melhor compreensão do que Justino entendeu por Sementes do Verbo, assumamos o que ele mesmo disse.

possuímos o Verbo inteiro manifestado por nós, tornando-se corpo, razão e alma, que é Cristo, com efeito, tudo o que os filósofos e legisladores disseram e encontraram de bom, foi elaborado por eles pela investigação e intuição, conforme a parte do Verbo que lhes coube. Todavia, como eles não conheceram o Verbo inteiro, que é Cristo, eles frequentemente se contradisseram uns aos outros (Justino, 2003, p. 63).

Este fragmento da segunda Apologia merece atenção por apresentar aspectos importantes para nossa discussão. Primeiro Justino indica que a religião cristã é sublime e esse dado está alinhado à busca pessoal de Justino pela verdade; depois ele justifica sua afirmativa com o que consideramos o coração da concepção que chama de Sementes do Verbo; para ele os cristãos têm o verbo completo, o que permite a dedução de que há quem não o tenha. Entretanto, Justino não deixa seu leitor com a informação obtida pela dedução, ele mesmo explicita que os filósofos e legisladores encontraram partes do Verbo, na medida em que encontraram algo de bom.

A pesquisa de Machado (2011), favorece a compreensão da atualidade da discussão sobre as Sementes do Verbo. O autor associa a busca humana por uma verdade ou algo além de si ao que Justino chamou de seminal na humanidade.

Quero alargar as aplicações ou a presença destas sementes também na experiência atual. Hoje também percebemos estas manifestações e buscas inconscientes de Deus por parte do ser humano em muitas expressões artísticas, musicais e literárias. Letras de canções que não falam diretamente de Deus, mas que expressam o vazio que nada nem ninguém deste mundo podem preencher; [...] uma busca, enfim, do eterno que não é conhecido nem tocado, mas profundamente almejado (Machado, 2011, p. 18).

O pensamento de Justino vai além da discussão sobre a plenitude da verdade, ele propõe uma resposta às querelas filosóficas. Em sua II Apologia, o apologista indica que se algo defendido por uma Filosofia tem apenas uma parcela do Verbo, a parcela falsa será contradição em relação à verdade do Verbo completo e em relação às parcelas falsas de outras Filosofias. Neste sentido, apenas a verdade cristã do Verbo completo não entraria em contradição, por esta razão, ele defende a sublimidade do cristianismo.

3 AS SEMENTES DA TRINDADE

3.1 Esclarecimentos Preliminares

Esta terceira parte do trabalho dispõe de uma análise da presença das Sementes da Trindade nas obras *Apologia I* e *Apologia II* de São Justino. A proposta é que explicitemos o que chamamos de Sementes da Trindade; indiquemos a presença destas sementes nas referidas obras de Justino e as discutamos. Faremos isto indicando como Justino apresenta e fala de Deus.

Cientes da ousadia que é propor uma leitura nova sobre a obra de Justino, propomos dois esclarecimentos preliminares. O primeiro: A Semente do Verbo é uma semente oriunda de fora do meio cristão, a Semente da Trindade é uma semente que está dentro do cristianismo, mas não foi ainda desenvolvida. O segundo esclarecimento: o que consideramos Sementes da Trindade nas *Apologias* são as aparições de expressões que indicam a menção direta ou indireta, proposital ou não, ao que atualmente chamamos de pessoas da Santíssima Trindade, especialmente as expressões triádicas.

3.2 Compressão de Justino acerca de Deus

Sabe-se que Justino foi influenciado por filósofos que discutiam questões sobre a divindade e sabe-se que alguns destes autores estavam inseridos em contextos monoteístas e outros em contextos politeístas, o que nos permite dizer que tais influências repercutiram de algum modo na sua maneira de pensar a divindade; ele fala sobre a figura de Zeus (JUSTINO, 2003, p 17), bem como reflete a tradição monoteísta judaica e essa dupla influência não pode passar despercebida quando queremos discutir a compreensão de Justino sobre Deus.

De antemão, indicamos que parece haver um esforço, por parte do apologista, de não tratar o Deus cristão como mais um, mas como o Deus. Isso importa especialmente porque nas discussões que se desenvolveram sobre Deus Uno e Trino, no decorrer da história do pensamento teológico; um dos desafios sempre foi não interpretar os atributos das pessoas da Trindade como características de três deuses. Sabendo disso e sabendo também que Justino demonstra considerar sinais de divindade no Pai, no Filho e no Espírito – conforme faremos demonstração mais adiante neste texto – parece plausível dizer que há na compreensão sobre a divindade que Justino expõe, uma compreensão

triádica ainda não desenvolvida, mas incipiente, como que sementes de uma argumentação posterior.

Em todo o texto das Apologias há indicação da relação dos cristãos com sua divindade. A primeira aparição da palavra “Deus” está no parágrafo terceiro da primeira Apologia, nesta aparição Deus é um só e aquele que é responsável por julgar os juízos humanos. Fazendo um esforço tácito de apresentar o cristianismo como uma religião monoteísta, Justino acaba por apresentar quem é o Deus em que os cristãos creem, e neste esforço apresenta, logo no início da obra, uma imagem triádica do Deus cristão. Na segunda vez que usa a palavra “Deus”, o faz do seguinte modo.

Por isso, também nós somos chamados de ateus; e, tratando-se desses supostos deuses, confessamos ser ateus. Não, porém, do Deus verdadeiríssimo, pai da justiça, do bom senso e das outras virtudes, no qual não há mistura de maldade. A ele e ao Filho, que dele veio e nos ensinou tudo isso, ao exército dos outros anjos bons, que o seguem e lhe são semelhantes, e ao Espírito profético, nós cultuamos e adoramos [...] (JUSTINO, 2003, p. 18).

Do que Justino diz neste trecho, pelo menos três coisas interessam para nossa discussão. Primeiramente, Justino usa o pronome em primeira pessoa do plural, o que nos faz perceber seu lugar de fala e a impressão de sua subjetividade na defesa da fé, além da sua preocupação pessoal com as questões dispostas. Ele faz de sua trajetória intelectual, um modelo de busca pela verdade, de modo que, além da credibilidade de seus argumentos, sua fala é credibilizada pela sua experiência pessoal.

Em segundo lugar, há uma exposição que indica a perspectiva monoteísta. O trecho “Deus verdadeiríssimo” não deixa dúvida sobre a fé dos cristãos está depositada em um Deus, seja pela utilização do adjetivo, seja pela sua versão no superlativo. O “verdadeiro” é o não falso; além de caracterizar o Deus em que crê, Justino indica que os cristãos não depositam fé nos “supostos deuses”, o que contribui com nossa conclusão de que há um esforço em explicitar que cristãos não são politeístas. Essa conclusão pode ser clarificada se pensarmos que o próprio Justino, sob as acusações de ateísmo dos cristãos, indica que, em relação aos deuses (plural) são ateus, ou seja, não creem neles, mas creem no Pai, no Filho e no Espírito Profético. Como conciliar o monoteísmo indicado com a fé triádica também exposta?

Ele defende incansavelmente que a adoração deve ser dada apenas ao Deus cristão, para verificar esta preocupação podemos acessar os números 16,17, 20, 26, 41 e 49 da Apologia I. Além disso, ele faz menções às adorações realizadas aos deuses gregos

(JUSTINO, 2003, p 29) e separa tais práticas das práticas cristãs. Mas o que nos interessa em especial é notar que ele usa o verbo adorar, junto dos verbos cultuar e honrar para fazer referência à relação dos cristãos com Jesus e com o Espírito, conforme a citação acima.

A defesa da adoração ao Verbo reaparece nas obras de Justino muitas vezes, vale dizer que na obra *Diálogo com Trifão*, a argumentação visando justificar a adoração a Jesus é um dos temas principais, uma vez que na referida obra, Justino não faz sua argumentação apenas com o instrumental filosófico grego, mas apoia-se no Antigo Testamento, considerando que seus interlocutores são judeus e que, para estes, vale apresentar Jesus como digno de adoração, na defesa do cristianismo nascente. De modo mais claro, a partir do número 48 do *Diálogo* Justino elabora uma argumentação sobre a divindade do Verbo, preexistente, Filho de Deus.

Como nosso recorte privilegiou as Apologias, trazemos um trecho da Apologia II que explicita a compreensão de Justino sobre a divindade do Verbo. “Portanto, tudo o que de bom foi dito por eles, pertence a nós, cristãos, porque nós adoramos e amamos, depois de Deus, o Verbo, que procede do mesmo Deus ingênito e inefável” (JUSTINO, 2003, p. 65). A noção de adoração única a Deus e a frequente indicação de adoração ao Verbo de Deus, com a argumentação de sua divindade, em diversos trechos das obras são suficientes para captarmos que há na compreensão do autor, uma noção de divindade uma trina. Uma verificada na defesa do monoteísmo, trina pela indicação de adoração ao Pai, ao Verbo e ao Espírito Profético.

As grandes questões sobre Espírito apareceram mais adiante na história da reflexão teológica, entendemos que é por esta razão que as indicações sobre a divindade do Espírito, nas obras de Justino, são presentes, mas não argumentadas, como se faz com o Verbo. Todavia, vale indicar alguns números em que a menção ao Espírito faz referência à sua divindade ou à fé trinitária ainda não elaborada: Na primeira apologia o Espírito é mencionado muitas vezes como o Espírito Profético e algumas vezes como Espírito de Deus; tais referências aparecem nos números 6, 13, 32, 33, 38, 39, 40, 21, 42, 44, 53, 59, 61, 63, 64, 65 e 67. Já na apologia II não encontramos indicações que nos permitem uma conclusão sobre a divindade do Espírito, as aparições sobre a compreensão que se tem da divindade estão sempre relacionadas ao Criador e ao Verbo. Não dizemos que Justino faz referência ao Espírito Profético dizendo que é o Espírito Santo, isso seria anacronismo, mas interpretamos que há uma indicação seminal do que depois será chamado de terceira pessoa da Santíssima Trindade.

3.3 As Sementes da Trindade

Nesta parte do texto, queremos indicar mais precisamente em que medida os trechos de Justino podem ser considerados Sementes da Trindade. Voltamos a dizer que Justino não pensa em Pai, Filho e Espírito como a Santíssima Trindade que conhecemos na teologia contemporânea, mas entendemos que há uma compreensão seminal da Trindade.

Seria anacronismo dizer que Justino entende e expõe Deus como Trindade, mas não soa estranho dizer que há sinais da compreensão do autor sobre o que é Deus em trechos que fazem referências ao que ele chama de Deus Criador, Verbo e Espírito Profético. Nossa pesquisa não encontrou muitos trabalhos que indicam a relação de Justino com ulteriores Cristologias reflexões teológicas sobre a Trindade, senão a importante colaboração de Maçaneiro.

Justino desenvolve argumentos de fonte bíblica, com uma perspectiva trinitária que servirá às definições dogmáticas futuras. À luz dos Prólogos de João e da Carta aos Hebreus, diz que Jesus Cristo é “o Verbo que está em tudo” (= Jo 1,3; Hb 1,3); que opera como “Virtude do Pai inefável” = Jo 1, 14; Hb1,2); que preexistindo à encarnação, “foi em parte conhecido por Sócrates” (= Jo 1,9; Hb 1,1).

Justino pensa Deus como o Pai Criador e é esta noção que melhor indica uma natureza divina para Justino nas obras que aqui analisamos, Deus é quem cria. Das mais de 30 aparições do radical da palavra criação, a maioria absoluta faz referência a ação de Deus. Como a teologia da Trindade não está desenvolvida, em uma leitura apressada, não é difícil pensar nas imagens do Verbo e do Espírito como dependentes ou posteriores à do Pai, no entanto as noções de “procedência” (JUSTINO, 2003, p. 33) e coexistência, que servirão para superar heresias já estão presentes em Justino, ao mesmo tempo em que noções que Justino apresenta como relativas à Deus, são aplicadas ao Verbo e ao Espírito, como a utilização do verbo adorar acima explicitada.

Além da adoração ao Verbo e ao Espírito, o verbo é apresentado como participante na obra da criação, que, de algum modo cria, tendo um atributo divino.

Quanto a seu Filho, o único que propriamente se diz Filho, o Verbo, que está com ele antes das criaturas e é gerado, quando no princípio criou e ordenou por seu meio todas as coisas, chama-se Cristo por sua unção e porque Deus ordenou por seu meio todas as coisas (JUSTINO, 2003, p. 60).

Duas noções importam para nossa discussão sobre as Sementes da Trindade. Primeiro há uma indicação de cristo é gerado, não criado, e isso é emblemático para as posteriores discussões trinitárias; além disso, Cristo é apresentado como aquele por meio do qual as coisas foram criadas.

Se o Pai é o Criador, o Verbo é o Salvador. Justino entende que a salvação é atribuída a Deus, mas indica que a salvação está no contexto da economia: “o Verbo se fez homem por desígnio de Deus Pai e nasceu para a salvação dos que crêem” (JUSTINO, 2003, p. 61). O adjetivo salvador aparece pelo menos 6 vezes nas duas Apologias e sempre faz referência ao Cristo, quase que como um aposto conversível. Nos interessa fazer um paralelo com as 10 aparições do mesmo adjetivo no diálogo com Trifão, visto que o termo Salvador é atribuído ao Verbo e ao Deus de Israel – lembremos que os interlocutores de Justino são os judeus na personificação de Trifão. Isso importa porque indica mais uma vez como Justino cristo como Deus.

Há indicações de que o Espírito é uma moção ou força que acompanha a ação de Deus, mas note-se que não há uma indicação explícita e específica de um atributo de Deus, como aconteceu nas menções ao Pai e ao Verbo. A indicação de atributo divino ao que Justino está chamando de Espírito sempre está e contexto triádico, como na citação acima em que o verbo adorar é usado. Há, portanto, presença da Semente da Trindade na compreensão de Justino sobre o Espírito em duas situações; quando ele escreve em formulações triádicas e quando faz menção ao Espírito nos textos bíblicos, textos que serão depois usados para a elaboração da Teologia da Trindade.

Sobre a primeira situação referida, acessemos os exemplos mais explícitos de trechos que indicam uma concepção trinitária: “eles são regenerados, pois então tomam na água o banho em nome de Deus, Pai soberano do universo, e de nosso Salvador Jesus Cristo e do Espírito Santo” (JUSTINO, 2003, p. 49).

Aqui Justino praticamente prefigura a Teologia Batismal de fundamentação trinitária que viria a ser desenvolvida. Não é estranho que alguém leia tal recorte e pense que ele tenha sido retirado depois das formulações trinitárias dos concílios. Em nosso texto de trabalho, dizemos que Justino apresenta sementes da compreensão sobre a Revelação do Deus Uno e Trino. Esta não é a única parte da sua obra que dispõe de tais sementes.

Depois àquele que preside aos irmãos é oferecido pão e uma vasilha com água e vinho; pegando-os, ele louva e glorifica ao Pai do universo

através do nome de seu Filho e do Espírito Santo, e pronuncia uma longa ação de graças, por ter-nos concedido esses dons que dele provêm (JUSTINO, 2003, p. 52).

A Teologia Sacramental, especialmente aquela que discute os Sacramentos da Iniciação Cristã, encontram na Patrística fortes referências da conexão entre os referidos Sacramentos e um dos sinais desta conexão é a expressão material da Santíssima Trindade. Os textos rituais contam com orações que expressam a fé em Deus Trino.

Ainda sobre Eucaristia dominical dos primeiros séculos, o apologista diz “Por tudo o que comemos, bendizemos sempre ao Criador de todas as coisas, por meio de seu Filho Jesus Cristo e do Espírito Santo” (JUSTINO, 2003, p. 53). Há uma indubitável preocupação em justapor as pessoas, o que reafirma nossa hipótese de que a leitura dos textos de Justino nos permite dizer que ele é, sem ter pretendido ser, base para a Teologia Trinitária.

A segunda situação a qual nos referimos é a presença de citações bíblicas que falam do Espírito Santo. Sabe-se que, nem o autor sagrado, nem Justino, compreendiam amplamente que o espírito que pairava sobre as águas ou aquele que veio sobre Maria no anúncio (JUSTINO, 2003, p. 34), é o que chamamos atualmente de Terceira Pessoa da Santíssima Trindade. Não há clareza sobre as formulações trinitárias, mas elas estão lá de maneira seminal, seja na Teologia do Novo Testamento quando os evangelistas realizam *Midrash* do gênesis, seja na Teologia patrística.

Trazemos um exemplo de formulação não precisa sobre o que hoje entende-se por Trindade “Portanto, por Espírito e força que procede de Deus não é lícito entender a não ser o Verbo, que é o primogênito de Deus, como Moisés, profeta antes mencionado, o deu a entender” (JUSTINO, 2003, p. 34). Parece haver aqui uma identificação entre Filho e Espírito e isso é importante, no contexto de nossa argumentação, para a explicitação de que as formulações anteriormente citadas que estão mais alinhadas às formulações conciliares nas quais a teologia contemporânea se baseia são apenas sementes da Trindade.

Considerações finais

Entendemos que há importância na releitura crítica da obra de São Justino, especialmente no que concerne à noção das Sementes do Verbo. Essa releitura não só amplia a interpretação dos aspectos materiais previamente analisados, mas também propõe uma dimensão formal, sugerindo a aplicação dessa abordagem às reflexões

trinitárias. Identificaram-se as contribuições seminais de Justino, que, embora ainda embrionárias, indicam bases fundamentais para o desenvolvimento posterior da Teologia Trinitária.

A investigação revelou que Justino, ao descrever Deus como Pai Criador, o Verbo como Salvador, e o Espírito Profético, não apresenta a Santíssima Trindade nos moldes da teologia contemporânea, mas oferece sinais claros dessa compreensão. Noções como "procedência" e "coexistência," utilizadas por ele, já prefiguram a superação de heresias trinitárias.

Um aspecto destacado é a abordagem triádica presente em textos litúrgicos e sacramentais, como os relatos sobre o batismo e a Eucaristia. Neles, Justino aponta para uma compreensão de Deus Uno e Trino, ainda que não totalmente sistematizada. Outro ponto relevante é o uso de textos bíblicos por Justino, que, embora careçam de uma compreensão plena da Trindade, demonstram a presença do Espírito em conexão com o Verbo e o Pai.

Vale destacar ainda que os desafios complexos no mundo contemporâneo sobre os quais Morin lançou luz com sua compreensão acerca da conexão dos saberes podem ser iluminados com as metodologias teológicas que valorizam pluralidade de formas e matérias em vista da compreensão do conhecimento, o que verificamos na possibilidade de conexão entre os pensamentos de Justino, Lonergan e Morin. Santana e Lima (2017) colaboram neste sentido com a ideia de que pensamento de Justino ilumina as discussões contemporâneas sobre a verdade.

Assim, este trabalho reafirma a relevância de São Justino como precursor de reflexões fundamentais para a teologia cristã. Sua obra, ao abordar Deus em uma perspectiva triádica, oferece sementes que, cultivadas ao longo dos séculos, possibilitaram as formulações conciliares sobre a Santíssima Trindade. A releitura proposta contribui para a atualização do tema e para o diálogo entre a teologia patrística e a contemporânea, demonstrando a perenidade e a profundidade do pensamento justiniano.

Referências

ARZANI, Alessandro. *Eucaristia e identidade dos cristãos segundo Justino Mártir*. 2019. Tese (Doutorado em História) — IFCH, UFRGS, Porto Alegre, 2019.

DIONÍSIO, Jefferson. O logos estóico e o logos em Justino. *Revista Filosófica São Boaventura*, v. 16, n. 1, jan./jun. 2022.

JUSTINO DE ROMA. *I e II Apologias; Diálogo com Trifão*. São Paulo: Paulus, 2003.

LADARIA, Luis F. *O Deus vivo e verdadeiro. O mistério da Trindade*. São Paulo: Loyola, 2005.

LONERGAN, Bernard. *Insight: um estudo do conhecimento humano*. São Paulo: Realizações, 2010.

LIBANIO, João Batista. *Teologia da Revelação a partir da modernidade*. Loyola: São Paulo, 1992.

LIÉBAERT, Jacques. *Os Padres da Igreja. Vol. 1: Séculos I a IV*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2013.

MACHADO, Andrés Echavarría. *A nostalgia do infinito e as “sementes do Verbo”*. 2011. Artigo científico (Pós-graduação lato sensu) — Centro de Teologia e Humanidades, UCP, Petrópolis, 2011.

MAÇANEIRO, Marcial. As sementes do Verbo segundo Justino: relevância teológica e atualidade. *Teologia em Questão*, v. 38, n. 1, p. 1-20, jan./jun. 2023.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 5. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, 2000.

SANTANA, Maria Edinora Garcia; LIMA, Daniel Barros de. Fé e Cristianismo: na perspectiva de Justino, o Mártir. *Revista Pax Domini*, v. 2, p. 92–110, mar. 2017.

SESBOÜÉ, Bernard; THEOBALD, Christoph (orgs.). *História dos Dogmas. Volume 4: A Palavra de Salvação (séculos XVIII–XX)*. São Paulo: Loyola, 1ª ed, 2006.

Recebido em: 31/07/2025

Aprovado em: 30/08/2025